

François Chesnais (org.)

A finança mundializada – raízes sociais e políticas, configuração, conseqüências.

São Paulo: Boitempo, 2005.

Este livro desenvolve-se sob a perspectiva de enfrentar um problema chave nos dias de hoje: a compreensão do capitalismo contemporâneo. Apresenta contribuições de seis autores individuais e três autores duplos as quais procuram abarcar as principais configurações do modo de produção regido pela relação de capital, emergentes nas duas últimas décadas do século XX. Ainda que com diferenças, todos eles trabalham sob uma mesma luz conceitual. O sistema capitalista passou então por uma mudança de rumo que é caracterizada como passagem de um regime de acumulação centrado na esfera da produção para um “regime de acumulação com dominância financeira” ou “regime de crescimento patrimonial” ou ainda como “neoliberalismo”. Desenha-se, então, nas palavras do organizador do livro, François Chesnais, “um sistema de relações econômicas e sociais internas e internacionais cujo centro é a finança e que está apoiado nas instituições financeiras e políticas do país hegemônico em escala mundial”<sup>1</sup>.

Note-se já aqui que concebem a transformação histórica recente do capitalismo como mudança de regime de acumulação e não como mudança interna do próprio modo de produção. Registre-se, também, que os autores do livro mantêm-se na perspectiva de que o capitalismo contemporâneo conserva-se ainda, *grosso modo*, na fase monopolista, financista e imperialista, mas o acento teórico não recai mais sobre o primeiro desses três termos tal como em Lenine, mas sobre o segundo deles. O próprio Chesnais destaca que o livro se caracteriza, sobretudo, pela atenção que dá ao “poder da finança”, termo esse, aliás, colhido do título do livro de André Orléan, *Le pouvoir de la finance*.

As nove contribuições estão organizadas para apresentar, tal como indica o subtítulo do livro, os fundamentos, as configurações e as conseqüências desse poder renovado das finanças que faz a música e dá, atualmente, o ritmo para a dança desorganizada da economia mundial.

Suzanne Brunhoff examina as causas das instabilidades, flutuações e crises cambiais, que marcaram as duas últimas décadas. Foca o papel do dólar como moeda mundial fundado na hegemonia norte-americana, a qual se expressa, também, de modo complementar, nos planos político e militar.

Gérard Duménil e Dominique Lévy em mais um estudo de estatística descritiva apresentam estimativas da evolução da taxa de lucro, do lucro retido e da taxa de investimento, nos Estados Unidos e na Europa, para mostrar o privilégio das finanças. Desenvolve o estudo sob uma visão sociológica das classes no capitalismo contemporâneo.

Catherine Sauvit concentra-se em pesquisar os fundos de pensão e os fundos coletivos norte-americanos, mostrando a sua importância como investidores institucionais na economia mundializada e como reguladores das atividades das empresas em favor das rendas financeiras.

Dominique Philon mostra com a França passou de um capitalismo de Estado para um capitalismo dominado pelos investidores institucionais. Estuda as conseqüências dessa rápida e avassaladora transformação para as empresas e os trabalhadores franceses.

Esther Jeffers procura mostrar as convergências no movimento de transformação das economias norte-americana e européia rumo à mundialização financeira. Essa autora, assim

---

<sup>1</sup> F. Chesnais, *A finança mundializada*, p. 26.

como a autora anteriormente citada, enfatiza como todo esse processo, em última análise, eleva a taxa de exploração dos trabalhadores em favor do capital financeiro.

Marianne Rubinstein estuda o caso do Japão que experimentou, tal como é bem sabido, uma estagnação econômica durante a década dos anos 90, assim como nos primeiros anos da década seguinte, em razão de um processo de liberalização financeira altamente especulativo.

Mamadou Câmara e Pierre Salama investigam a inserção dos países em desenvolvimento no processo de mundialização financeira. Notam como essas nações dependem de créditos bancários, investimentos diretos e investimentos em carteira externos para financiar o seu processo econômico. Notam, também, que essa dependência requer um modo de gerir a taxa de juros que visa, não o crescimento, mas sim a atração de capital, muitas vezes apenas para financiar déficits orçamentários e com o exterior.

Luc Mampey e Claude Serfati estudam as relações entre o mundo das finanças globalizadas, dos investidores institucionais e das bolsas com o sistema industrial-militar dos Estados Unidos. Sugerem que há uma aliança objetiva entre essas forças cuja conseqüência provável será a eclosão de novas guerras num horizonte de tempo ainda sem limites definidos.

François Chesnais, como organizador, atribuiu-se a responsabilidade de escrever o capítulo inicial e mais teórico do livro. Aí o termo “finança” que aparece no livro assim mesmo, no singular, para enfatizar seu caráter supostamente unitário, é identificado ao conceito de “capital portador de juros” de Marx. Trata-se evidentemente de uma interpretação algo problemática já que em *O capital* esse termo indica a posição do próprio capital como mercadoria, posição esta que engendra uma forma de existência do próprio capital, enquanto que no livro aqui resenhado o capital portador de juros é entendido como um fundo caracterizado explicitamente como “capital [que] busca fazer dinheiro sem sair da esfera financeira”<sup>2, 3</sup>.

É preciso relembrar aqui, pois, o próprio Marx. No capítulo XXI do Livro Terceiro está dito que o dinheiro transformado em capital produz lucro e, assim, adquire um novo valor de uso, a capacidade de funcionar como capital. Eis que “nessa forma de capital possível, de meio para a produção de lucro, torna-se mercadoria, mas uma mercadoria *sui generis*. Ou o que dá no mesmo, o capital enquanto capital se torna mercadoria”<sup>4</sup>. O capital aparece, pois, como mercadoria quando o dinheiro como capital realiza uma de suas possibilidades. Mas nessa mesma condição, ele tem outro modo de atuação mais básico, pois o dinheiro como capital costuma participar da metamorfose das mercadorias, no movimento  $D - M - D'$ . E, nesse caso, “o capital, no processo de circulação, funciona como capital-mercadoria e capital monetário. Mas, em ambas as formas, não é capital como tal que se torna mercadoria”<sup>5</sup>.

Por outro lado, o dinheiro como capital também pode não participar das metamorfoses e da reprodução do capital e isto ocorre justamente quando ele próprio se torna mercadoria, por exemplo, no momento inicial do circuito  $D - D - M - D' - D'$ . É evidente, entretanto, que o dinheiro como capital depois do primeiro movimento, já nas mãos do capitalista envolvido com a produção, passa a atuar de seu modo básico e primeiro. Ao ir das mãos do capitalista financeiro para o capitalista funcionante o capital adquire a forma de mercadoria. Trata-se, aqui, pois, de uma mercadoria especial que não pode ser comprada e vendida e que, por isso, requer a forma de mercadoria dada em empréstimo. A essa forma é inerente a aparência –

<sup>2</sup> Idem, p. 35.

<sup>3</sup> **Nota de revisão em 2010:** Depois que essa resenha foi publicada, Ramalho da Silva argumentou que Chesnais se referia, ao falar em capital portador de juros, ao capital fictício e que, nesse caso, a afirmação de que este se valoriza (ficticiamente, é óbvio) na esfera financeira faz sentido. Ver o artigo *Sobre a existência de um regime de acumulação com dominância financeira: sua lógica de valorização e a presença do capital fictício*, de Danilo F. R. da Silva, em *XIV Encontro Nacional de Economia Política*, 2009 ([HTTP://www.sep.org.br](http://www.sep.org.br)).

<sup>4</sup> K. Marx, *O Capital – Crítica da Economia Política*, São Paulo, Abril Cultural, 1983, volume 3, tomo I, p. 255.

<sup>5</sup> Idem, p. 257.

aparência que não é subjetiva, mas participação efetiva na própria realidade – segundo a qual o capital portador de juros é autônomo e se valoriza na esfera financeira. Marx diz explicitamente que o retorno do capital a juro é externo ao ciclo mediador do retorno, mas isto significa, ao contrário do que sugere a expressão de Chesnais antes citada, que se trata em efetivo de uma operação externa que pressupõe justamente a penetração posterior do capital-dinheiro no ciclo  $D - M - D'$ .

O capital portador de juros é uma forma do capital que lhe é inerente e que sempre existiu na história do capitalismo. Logo, é também problemática a afirmação de Chesnais segundo a qual “quando o capital portador de juros ressurgiu no início dos anos 80, a esmagadora maioria dos assalariados e cidadãos... havia esquecido completamente sua existência e seu poder social”<sup>6</sup>. A expressão “autonomia relativa da esfera financeira em relação à produção”<sup>7</sup> também não é rigorosa, já que não se trata de uma questão de relatividade, mas de contradição: a autonomia da esfera financeira vem a ser negada pela essência da relação de capital, a qual põe objetivamente a não autonomia da esfera financeira em relação à produção. A relação de capital é, como se sabe, uma relação entre o capital e o trabalho assalariado, uma relação de exploração, que se expressa sob formas superficiais que lhe são contrárias. O capital não pode se valorizar só na esfera financeira, a não ser fictícia e temporariamente.

Chesnais menciona que se configura atualmente como importante uma forma específica de propriedade capitalista, a saber, a propriedade patrimonial e rentista. Não pensa – é certo – que haja capital bom e capital ruim, mas chega a se referir a existência de capital melhor e pior, o que parece razoável. “A finalidade dela” – ou seja, da propriedade patrimonial constituída por títulos de propriedade mobiliária e imobiliária, a qual ele vê como deletéria na ordem vigente – “não é nem a criação de riquezas que aumentem a capacidade de produção, mas o ‘rendimento’”<sup>8</sup>. Entretanto, eis que, como se sabe, o capital é apenas o agente da relação de capital e, nessa condição, ele é sempre um fim em si mesmo, produção pela produção e não produção que visa aumentar a geração de riqueza (valores de uso). Esta última é incrementada incessantemente pelo movimento do capital porque o capital (abstraindo o capital fictício) só cresce acumulando mais-valia na esfera da produção e da circulação de mercadorias.

A preocupação de Chesnais com o investimento produtivo em detrimento do que no Brasil foi chamado de “ciranda financeira” é justa até certo ponto, apesar de seu acento keynesiano. Pois, a partir desse limite posto pelas estruturas econômicas vigentes, torna-se inadequada. É preciso ver que o capital portador de juros subordina hoje a produção de uma forma que não é em si mesma estruturalmente nova, mas o faz com uma intensidade nova e de um modo novíssimo ligado à emergência da ciência-capital, do conhecimento-capital. Por exemplo, a Microsoft, que é a empresa símbolo do capitalismo contemporâneo, não vende mercadoria, pois vende apenas licenças de uso de seus produtos. Mas esses produtos são mercadorias, tal como diz Marx, *sui generis*. Elas recebem a forma de capital como mercadoria. Assim, a Microsoft – e isso parece ser algo que tem uma tendência a se generalizar – opera no circuito  $D - M \dots P \dots - D'$ , tal como uma empresa típica que aluga dinheiro. E essa afirmação se justifica, já que, lembrando Marx, “todo capital emprestado... é sempre uma forma particular do capital monetário”<sup>9</sup>. Não se trata hoje, pois, de dominância do capital financeiro sobre o capital atrelado à produção de mercadorias, mas de dominância da forma financeira do capital, ou seja, da forma “capital portador de juros”. E a emergência

---

<sup>6</sup> Op. Cit., p. 37.

<sup>7</sup> Idem, p. 45.

<sup>8</sup> Idem, p. 50.

<sup>9</sup> Op. cit., p. 259.

dessa predominância está ligada a uma transformação estrutural do capitalismo ou, mais especificamente, do próprio modo de produção – e não do regime de acumulação.

E, nesse sentido, é bem interessante a seguinte consideração de Chesnais que aqui vai reproduzida por inteiro: “A restauração do poder da finança teve dois resultados cujas conseqüências para a reprodução do capital no longo prazo não podem ainda ser apreciadas, mas devem ser postas em evidência. A primeira é a força formidável da centralização do capital... A segunda diz respeito à maneira pela qual a finança conseguiu alojar a ‘exterioridade da produção’ no próprio cerne dos grupos industriais. É possível que isto seja um dos traços mais originais da contra-revolução social contemporânea”<sup>10</sup>. Sem dúvida, há nessa citação uma referência a algo essencial na transformação do capitalismo contemporâneo, que vem a ser a busca do controle direto por parte do capital financeiro das atividades de produção de conhecimento, ciência, organização, informação, etc. E o livro resenhado é rico na apresentação das formas sob as quais isso acontece.

Se essa constatação de Chesnais contém, pois, um ponto profundo, parece necessário acrescentar um outro fato igualmente importante da nova configuração do capitalismo mundial: a exorbitância do capital fictício. Esse modo de existência do capital, decorrente do crédito, e que está misturado e combinado de mil formas com o capital real, é chamado de fictício porque vem a ser uma negação determinada do capital enquanto tal, já que se trata de capital sem substância de valor e que se tornou puramente formal ou ideal. Pois, é evidente que a criação espontânea e desmesurada de capital fictício é a principal fonte das crises e instabilidades do capitalismo contemporâneo. O capital fictício é o capital que ultrapassa a si mesmo, que se levanta puxando os cordões do próprio sapato e que ganha, por isso, uma forma totalmente irracional e enlouquecida. A autonomia das finanças mostra aqui, de modo particular, que as contradições do capitalismo estão criando realidades cada vez mais explosivas...

É preciso comentar também aquilo que Chesnais chama de “hipótese da insaciabilidade da finança”. Sem dúvida, é possível observar atualmente na superfície da economia mundial fenômenos de tensão e crise que denotam que há contradição entre um impulso sem medida da valorização financeira e a valorização efetiva possível que ocorre na esfera da produção. De certo modo, entretanto, como se sabe, a insaciabilidade referida por Chesnais pertence ao próprio capital como conceito. Marx tratou o capital como um princípio de desenvolvimento infinito, como sujeito automático, como má infinidade.

Finalmente, é preciso ressaltar que o novo livro de Chesnais, tal como as suas obras anteriores, dão uma contribuição relevante à compreensão e ao debate a respeito do capitalismo contemporâneo. E essa é sem dúvida uma questão prioritária na agenda de pesquisa dos pensadores de esquerda e dos críticos revolucionários.

Eleutério F. S. Prado  
Professor da Universidade de São Paulo (USP)

---

<sup>10</sup> Op. cit. P. 53-54.